

A expectativa de quem será avaliado

Ao longo da carreira acadêmica, um professor é constantemente avaliado: seja por seus alunos, por seu departamento, por sua unidade e até pela própria Universidade, por agências de fomento, entre outras instâncias. A USP alterou sua forma de avaliação, antes sem integração e focada em projetos de pesquisa, para privilegiar a diversidade do trabalho desenvolvido por seus docentes em atividades de ensino, pesquisa e cultura e extensão. Ao lado, a expectativa de alguns de seus professores sobre o novo sistema de avaliação institucional.



Alexandre Kawano
Professor Associado 1 do Departamento de Engenharia Mecatrônica e de Sistemas Mecânicos da Escola Politécnica (Poli)

Docente na USP desde 1989



Cada professor tem um projeto do que ele acredita que seja melhor para a Universidade e para sua própria carreira, com ênfase em pesquisa, graduação ou extensão. O que acontece é que agora temos um processo de avaliação no qual as atividades docentes vão ser avaliadas frente aos objetivos da unidade e da Universidade.

Teremos uma visão orientada para onde a unidade e a Universidade querem caminhar. Antes, cada um fazia o que achava melhor para si, departamento, unidade e a USP.”



Maria Cristina Zindel Deboni
Professora Associada 2 do Departamento de Cirurgia, Prótese e Traumatologia da Faculdade de Odontologia (FO)

Docente na USP desde 1986



Acredito que será bom para todos. Eu já sou uma pessoa que se planeja. Tenho minhas metas e sei o que preciso fazer na graduação, pós-graduação, nas clínicas, sei quando preciso solicitar financiamento para pesquisas. Com o projeto acadêmico, as pessoas terão que se organizar melhor. Não será fácil, mas a USP vai conseguir. Com essa primeira avaliação, saberemos para onde olhar para poder melhorar.

Cada unidade tem a sua particularidade, então é importante que isso seja considerado. E inclusive nas mesmas áreas. Aqui em São Paulo nós temos o curso integral e o noturno, que é uma realidade diferente das outras faculdades de Odontologia da USP em Bauru e em Ribeirão. E cada uma tem as suas especificidades e dificuldades em relação a recursos humanos e infraestrutura, por exemplo.”



Rodrigo do Tocantins Calado de Saloma Rodrigues
Professor Associado 2 do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP)

Docente na USP desde 2011



A avaliação docente não existia na prática, ocorria a avaliação da Cert no período probatório. Depois disso, não havia nenhuma orientação ou avaliação da atividade docente.

Nesse momento, a unidade, o departamento e o docente vão poder se orientar para planejar o futuro. Isso facilita do ponto de vista de oferecer um serviço melhor ao corpo discente, às atividades de extensão e pesquisa; poder racionalizar recursos e ter um resultado mais positivo no final.

Quando o docente fizer seu planejamento para os próximos anos, esse plano acadêmico pode ser voltado para a pesquisa, atividades de ensino e/ou extensão. Individualmente, o docente não precisa exercer essas três atividades no seu plano, ou planejar de forma intensa esse tripé universitário, pode voltar ao seu planejamento para suas vocações principais. Então, você consegue dar um destaque maior às atividades de ensino, especialmente para a graduação, e para as atividades de extensão que em muitas áreas são muito importantes.”



Neide Pena Coto
Professora Associada 1 do Departamento de Cirurgia, Prótese e Traumatologia Maxilofaciais da Faculdade de Odontologia (FO)

Docente na USP desde 2010



Somos contratados para fazer pesquisa, ensino e extensão, que é a tríade da Universidade. Para nós, da Odontologia, isso é muito claro, pois são atividades muito integradas. Temos um trabalho grande junto à comunidade com as clínicas. Atendemos o paciente, acompanhamos o planejamento, orientamos os alunos de graduação e pós-graduação durante este trabalho, confeccionamos, instalamos e ajustamos as próteses (em minha disciplina, que é Prótese Bucomaxilofacial) e tudo isso leva muito tempo. Fazemos muitas pesquisas interdisciplinares, já registramos várias patentes, nos reunimos com parceiros. É um todo.

Ter a chance de ser reconhecido por tudo isso é muito positivo. Esse processo de avaliação docente é natural, é menos uma cobrança e mais a observação de um resultado. É saber o que nós fazemos aqui e o que a Universidade e a comunidade esperam de nós.”



Maria Augusta Costa Vieira
Professora Titular do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)

Docente na USP desde 1978



Do ponto de vista mais específico do docente, o que me parece mais positivo é o fato de que seu projeto deverá estar integrado ao projeto de seu departamento, de modo que suas diferentes atividades deverão dialogar de modo mais sistemático com a sua própria unidade. Por outro lado, considero que a avaliação periódica colabora com a organização das atividades do próprio docente e digo isso a partir de uma experiência pessoal.

A partir dos anos 90, passei a usufruir da Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Nessa condição, de tempos em tempos eu deveria apresentar um relatório de pesquisa junto com um novo projeto, caso desejasse a renovação da bolsa. Ao longo desses 23 anos como bolsista, considero que a sistemática de elaboração do projeto de pesquisa e posteriormente a elaboração do relatório para ser submetido à avaliação foram altamente positivos, na medida em que pude organizar de modo mais preciso meu trabalho de pesquisa, o que, espero, tenha rendido positivamente na minha atuação docente em sala de aula e na formação de novos pesquisadores.”